

## MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA NA UNIVERSIDADE DO PORTO

LETICIA LARA KÜTER<sup>1</sup>; ALINE PETER KRÜGER<sup>2</sup>;

LEONARDO POZZA DOS SANTOS<sup>3</sup>:

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – lelelara1@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – alinepeterkruger293@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – leonardo\_pozza@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Em 1999, os países da União Europeia, iniciaram uma ampla reforma no sistema de ensino superior, através da assinatura da Declaração de Bolonha, em busca da harmonização curricular, fortalecimento da qualidade do ensino e competitividade acadêmica. Com a criação do espaço europeu de educação superior, foram consolidados princípios comuns de avaliação, estrutura curricular e reconhecimento institucional, promovendo a mobilidade de docentes e estudantes como uma estratégia de motivação para o desenvolvimento da educação superior (De Lel et al., 2015). Esse movimento não transformou apenas o cenário europeu, como também influenciou a internacionalização da educação superior em outros continentes, como a América Latina, especialmente no Brasil.

Nota-se, que a educação superior não é apenas a transmissão de conteúdos técnicos e culturais, haja vista que tem se mostrado de forma mais ampla e integrada, buscando preparar profissionais capazes de atuar de forma crítica, reflexiva e inovadora diante dos desafios, especialmente no campo do desenvolvimento científico e tecnológico (Lima; Maranhão, 2011). Nesse contexto, a internacionalização do ensino superior emerge como uma estratégia essencial para enriquecer a formação dos discentes, promovendo o intercâmbio de saberes, o contato com diferentes realidades socioculturais e a construção de competências globais. A convivência com indivíduos de outras nacionalidades e perspectivas amplia o repertório acadêmico, cultural e pessoal dos estudantes, contribuindo para uma formação integral e alinhada às exigências de um mundo cada vez mais interconectado (Iorio, 2018).

Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo relatar a experiência de mobilidade acadêmica vivenciada por uma discente do curso de Nutrição da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), realizada na Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto (FCNAUP), em Portugal, entre fevereiro e julho de 2025.

### 2. ATIVIDADES REALIZADAS

O processo de mobilidade acadêmica teve início através da inscrição da discente no edital nº 05/2024 publicado pela Coordenação de Relações Internacionais (CRIInter) da UFPel, o qual disponibilizava vagas para realização de mobilidade acadêmica em diversas instituições estrangeiras parceiras. Para efetivar a candidatura, era necessário preencher a ficha de candidatura, anexar o plano de estudos pré-aprovado pela coordenação do curso de origem e apresentar uma declaração de ciência sobre as despesas envolvidas. Após a seleção dos candidatos, a CRIInter ficou responsável por contatar a universidade anfitriã e formalizar a indicação dos discentes para o período de estudos. Após a nomeação, o aluno era

responsável por realizar a submissão da candidatura diretamente no site da Universidade do Porto, bem como por conduzir os trâmites de visto, buscar por moradia e organizar sua estadia.

O edital previa uma bolsa auxílio no valor de R\$700 mensais, durante cinco meses, destinada ao primeiro colocado entre os inscritos para a Universidade do Porto (UPorto), sendo a autora deste relato a contemplada. No entanto, os demais custos relacionados à mobilidade, como passagens, hospedagem, alimentação e documentação, foram integralmente custeados pela própria estudante. Existe uma residência estudantil, disponibilizada pela universidade por um preço acessível aos estudantes, porém o número de vagas é limitado e sujeito a processo seletivo, sendo a demanda superior à oferta. Diante disso, foi necessário alugar um quarto compartilhado em uma residência estudantil privada, onde a autora dividia a casa com cerca de 35 estudantes brasileiros.

A rotina durante a mobilidade acadêmica envolvia a conciliação das atividades estudantis, as responsabilidades domésticas e os projetos que estavam sendo desenvolvidos de maneira assíncrona com uma equipe que permanecia no Brasil, mas sem prejuízo à vivência cultural e social, que incluiu a prática de atividades físicas, passeios, compras e até viagens internacionais, compondo uma experiência enriquecedora tanto no âmbito pessoal quanto profissional.

Ao iniciar o semestre letivo na FCNAUP, a discente teve oportunidade de observar abordagens distintas de ensino em relação àquelas adotadas pela UFPel. Na UPorto, a frequência às aulas teóricas não é obrigatória, o que proporciona maior autonomia aos estudantes para organizarem seus estudos de forma independente. Em relação a carga horária das disciplinas, é significativamente superior às ofertadas no Brasil, e todas incluem aulas práticas que contabilizam na frequência para aprovação ao final do semestre letivo. As atividades práticas das disciplinas cursadas eram realizadas, majoritariamente, em grupos, o que favoreceu a socialização entre a discente com os alunos portugueses e demais estrangeiros, promovendo trocas culturais enriquecedoras. Durante essas aulas, eram propostos diversos exercícios com foco em discussão expositiva, frequentemente contextualizados pela origem e tradição da alimentação portuguesa.

A metodologia de avaliação na FCNAUP também se mostrou distinta daquela utilizada na UFPel. Na UPorto, os exames, em sua maioria, eram realizados por meio de uma única prova final, aplicada em formato digital, na sala de computadores da faculdade, o que exigia dos estudantes uma preparação contínua e autônoma ao longo do semestre. Porém, algumas disciplinas contavam com apresentações orais para compor a nota final. Além disso, o calendário acadêmico da FCNAUP já previa, com antecedência, um período específico de três semanas dedicado exclusivamente à realização dos exames, permitindo aos alunos estudarem com maior planejamento. Essa estrutura difere do modelo adotado pela UFPel, onde as avaliações costumam ser distribuídas ao longo do semestre, com uma maior variedade de instrumentos avaliativos e provas tradicionalmente escritas.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar a mobilidade acadêmica internacional foi uma vivência transformadora e singular na trajetória da discente. Envolver-se nesse processo significou renunciar ao conhecido para explorar o novo e o incerto, uma escolha que exige coragem, resiliência e disposição para enfrentar os novos desafios, sendo necessário adaptar-se a novos contextos, a uma nova cultura, a novas crenças e a novos hábitos. Viver

em outro país, também significa viver longe do aconchego familiar e da estabilidade do lar, o que proporcionou não só o crescimento acadêmico, mas também o amadurecimento pessoal.

Um dos maiores ensinamentos do intercâmbio foi o fortalecimento da inteligência emocional. Ao se deparar com novos desafios, o estudante é levado a reconhecer e confiar em suas próprias capacidades, aprender a lidar com seus sentimentos, administrar a pressão psicológica e desenvolver resiliência durante todas as adversidades que surgem durante o caminho. Sendo esse processo de autoconhecimento e superação, uma vantagem que vai além do aprendizado acadêmico e profissional, mas também para a vida em sociedade.

Ao final da jornada, o discente não apenas acumula os saberes adquiridos, mas também constrói uma rede global de contatos e amizades duradouras, que enriquecem a trajetória acadêmica, pessoal e profissional.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE LEL, Gisèle *et al.* (ORG.). **The European higher education area in 2015: Bologna Process implementation report**. Luxembourg: Publications Office, 2015.
- IORIO, Juliana Chatti. PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EM MIGRAÇÕES. 2018.
- LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva De Albuquerque. Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior: multiculturalismo ou semiformação? **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 19, n. 72, p. 575–598, set. 2011.